

INSTITUTO  
SOCIOAMBIENTAL  
Documentação  
Fonte: OG Globo  
Data: 27/5/96 Pg 22  
Class.: 09

# Destruição da Mata Atlântica aumentou

Pesquisadores preparam atlas que retrata desmatamentos e mostra o que sobrou da floresta original

Reprodução

Daniel Hessel Teich

• SÃO PAULO. A Mata Atlântica continua a ser desmatada em ritmo acelerado. Essa é a conclusão preliminar do projeto de atualização do "Atlas da Evolução dos Remanescentes Florestais e Ecossistemas Associados da Mata Atlântica", conduzido pela Fundação SOS Mata Atlântica, no período de 1990 a 1995. Baseados nos primeiros mapas atualizados em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), os técnicos da fundação verificaram que o esforço de preservação do pouco que resta de uma das principais formações florestais do Brasil não tem conseguido deter o avanço dos desmatamentos. Originalmente ocupando 12% do território brasileiro, com 1,1 milhão de quilômetros quadrados, a Mata Atlântica está reduzida a cerca de 8% desse total, se estendendo por parcos 95 mil quilômetros quadrados.

— Os outros mapas, até 1990, apontavam um desmatamento de 1% ao ano. Isso significa a destruição de uma área equivalente a 17 campos de futebol por dia. Esse número vem se mantendo, sem que a recuperação de algumas áreas seja suficiente para alcançar o índice de desmatamento que ocorreu nos últimos cinco anos — diz a coordenadora técnica da fundação, Márcia Hirota.

Para acompanhar melhor a situação da Mata Atlântica, a fundação introduziu mudanças no conjunto de mapas que deve ser divulgado até o segundo semestre deste ano. Além da manutenção do monitoramento por satélite, já usada na versão de 1985 a 1990 do Atlas, os técnicos do Inpe, da fundação e do Instituto Sócio-ambiental cruzarão as imagens coletadas pelo satélite "Landsat-5" com a malha de municípios do IBGE.

Com isso, é possível ver com exatidão o que ocorreu com os remanescentes florestais estudados pelo SOS Mata Atlântica. Se-



VISTA AÉREA de um desmatamento situado no estado de São Paulo, um dos que tiveram mais áreas de Mata Atlântica destruídas, segundo os especialistas

gundo Márcia Hirota, estão em estudo três mil municípios nos estados da Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Os municípios selecionados abrigam os principais remanescentes.

— O atlas ajudará os municípios a combaterem a devastação — afirma Márcia.

A exatidão das informações é garantida com a utilização de recursos como o Sistema de Posi-

cionamento Global (rede de satélites) e o apoio de equipes volantes, que percorrem as florestas regularmente. O uso de equipes volantes deve superar um problema sério: o acúmulo constante de nuvens sobre algumas áreas de remanescentes florestais, que impede a avaliação exata a partir das fotos do satélite.

Algumas áreas críticas já estão delimitadas e receberão tratamento especial, sendo alvo de estudos isolados e detalhados para detectar o grau de comprometi-

mento de todo o ecossistema.

Entre as áreas mais importantes para conservação, a pesquisadora Márcia Hirota aponta as regiões Norte e Sul da Bahia, destruídas em ritmo crescente, e também trechos dos estados do Paraná e Santa Catarina, campeões de desmatamento no período 1985-1990. Só esses dois estados da Região Sul acumularam no levantamento anterior desmatamentos da ordem de 144 mil e 99 mil hectares respectivamente. Embora não esteja numa situação

tão ruim, São Paulo é outro estado bastante afetado pelos desmatamentos.

Outro estado que receberá atenção no estudo é o do Rio de Janeiro, o primeiro a ter a malha municipal fornecida pelo IBGE cruzada com as imagens de satélite num ensaio piloto do projeto. Segundo Márcia Hirota, o Rio foi o estado com o maior índice de revitalização de áreas desmatadas, apresentando, na última edição do atlas, 2.700 hectares em fase recuperação florestal. ■